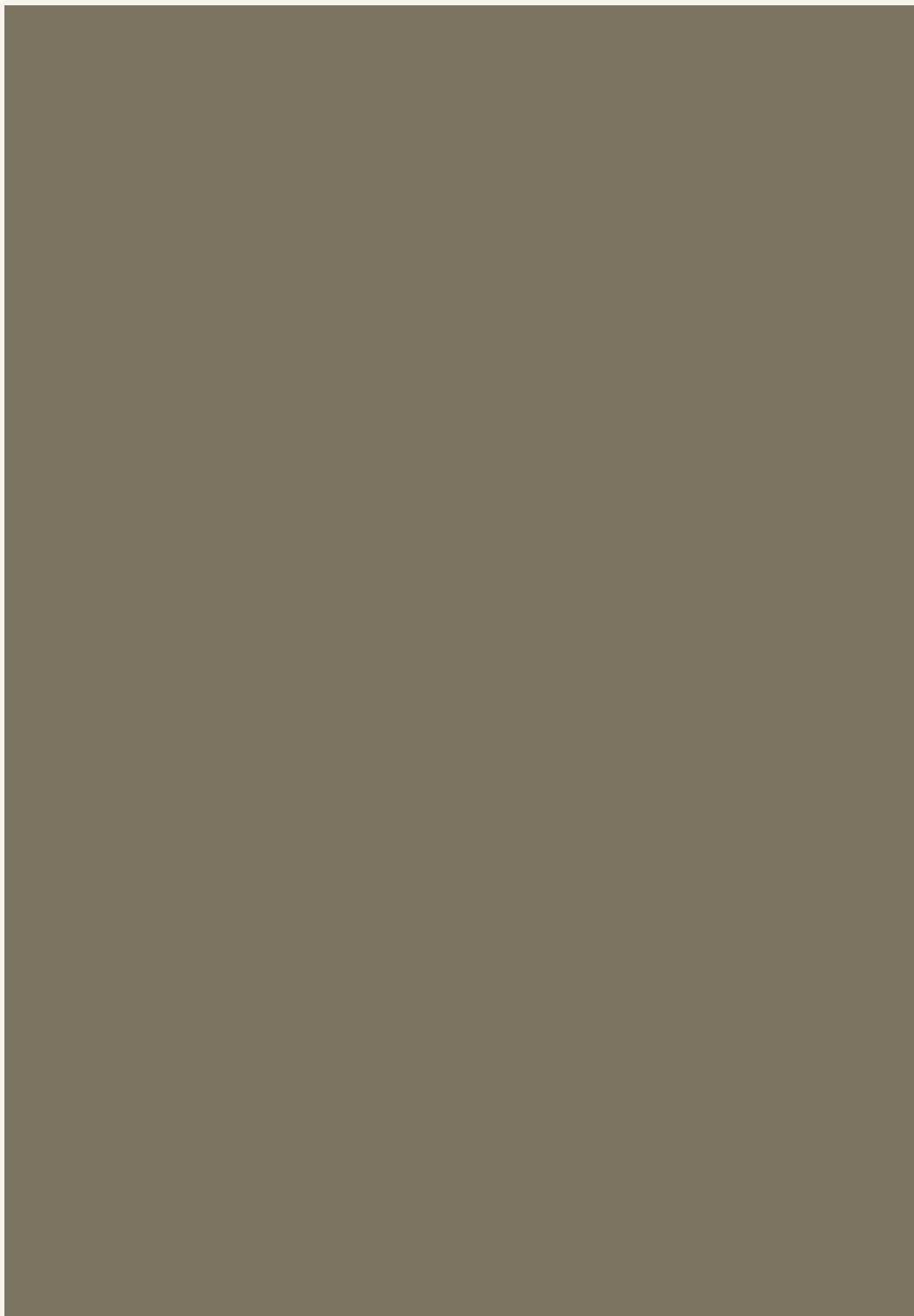




EDITORIAL



A **REDOBRA** é uma proposta editorial em processo mutante – DOBRA, DESDOBRA, REDOBRA – que se define à medida em que é feita, e cada nova edição incorpora e explora os diferentes contextos circunstanciais que lhe fomentam, a partir de dois grupos de pesquisa – Laboratório Urbano (PPG-AU/FAUFBA) e Laboratório Coadaptativo LabZat (PPGDANÇA/UFBA) – e da plataforma de ações CORPOCIDADE. Apesar de não se deixar pautar por imposições ou normas de agências indexadoras, a REDOBRA é justificada e nutrida por sua condição universitária, por seu contexto acadêmico, cuja rotina instaurada entre ensino, pesquisa e extensão é também expandida pela liberdade inventiva e pela cooperação criativa. O elemento disparador desta edição, lançada como parte da comemoração dos 20 anos de atividades do grupo de pesquisa Laboratório Urbano, é um bom exemplo. A tradução do texto-chave da edição – **Reinventar a cidade? A escolha da complexidade**, de Isabelle Stengers –, inédito em português, nos foi gentilmente oferecida pelos professores Cecília Mello (IPPUR/UFRJ) e Vladimir Ribeiro (CAp/UERJ), exatamente após a sua recusa por revistas indexadas.

A partir do texto de abertura de Isabelle Stengers que discorre sobre “a escolha da complexidade”, **Reinventar a cidade?** passou a ser o mote principal em torno do qual toda a edição foi montada pelo grupo de editores: Silvana Olivieri, doutoranda do PPG-AU/FAUFBA e Thiago Mota Cardoso, professor da PPGAS/UFAM, atuaram como editores convidados deste número, e Cecília Mello ficou responsável pela seção Debates. A seção Entrevistas parte desta mesma questão, proposta a um grupo heterogêneo de interlocutores, todos externos ao campo da arquitetura, urbanismo ou planejamento urbano (campo que tende a monopolizar o debate sobre o futuro das cidades). Nossa indagação – “Entendendo a urgência de mudarmos o modo como fazemos mundos e paisagens, quando está em jogo inclusive nossa possibilidade de sobrevivência enquanto espécie num planeta à beira da catástrofe climática-ecológica, gostaríamos de lhe convidar para pensar conosco esse tema, respondendo à pergunta: qual a sua escolha para reinventar a cidade?” – foi respondida por dez intelectuais e/ou artistas, e suas respostas, com várias pistas críticas para (re)pensarmos as cidades a partir da complexidade, como propõe Stengers, foram elencadas em ordem alfabética: **Alex Simões, Cristina Freire, Eduardo David de Oliveira, Eduardo Sterzi, Eduardo Viveiros de Castro, Karina Buhr, João Paulo Barreto Tukan, Lucrécia Raquel Greco, Luiza Dias Flores e Suely Rolnik.**

10

A seção **ENSAIOS** é composta por artigos de Wellington Tibério com Flavio Barollo [coletivo (se)cura humana], Marcelo de Trói, Thiago Mota e Guilherme Soares, e uma conversa entre Alessia de Biase, Margareth da Silva Pereira e Gilles Tiberghien com Valérie Jouve, Jan Kopp, Daniel Lê, Françoise Parfait e Éric Valette (coletivo suspended spaces), montada por Alessia de Biase e traduzida por Margareth da Silva Pereira. O texto **Água e urbanismo: ações artísticas para uma cidade (im)possível** nos apresenta ações do coletivo artístico/ativista ambiental (se)cura humana, reunido a partir da crise de abastecimento de água em São Paulo (2014) para “problematizar o desenvolvimento urbano e sua relação com as águas que corriam e ainda correm pela cidade”, buscando provocar um olhar mais atento “para a natureza negligenciada pelo urbanismo rodoviarista que se apossou de nossas cidades”. O coletivo busca, ao focar na questão das águas urbanas, trabalhar “pelas fissuras, brechas e vãos que insistem em se abrir aqui e ali”, mostrando vestígios e sobrevivências de uma “natureza aquática do território” que ainda pulsa em nossas cidades. Já **Desinventar a cidade**, de Marcelo de Trói, foca na questão da mobilidade urbana, fazendo uma crítica ao que denomina de “carrocracia”, tida como uma “herança maldita do que se estabeleceu como paradigma de cidade, na qual o automóvel tem papel determinante”. O autor propõe, em resposta à proposta de Stengers de uma reinvenção da cidade pela complexidade, a sua desinvenção, acreditando que só assim poderia-se abrir “espaço para que outros modos de vida emergjam”. O texto **Joacema - (des) - virada; A cidade encantada dos Pataxó**, de Thiago Mota

Cardoso, nos mostra Joacema como um lugar indígena encantado. Retrata esta cidade antiga, que sobrevive ainda hoje encantada, mesmo que “na invisibilidade para quem não está sob efeito do encanto”, tendo sido “construída ao mesmo tempo em que Salvador, a capital do Brasil Colônia, era erigida no século XVI”. O autor não busca tratar de uma representação ou de uma crença, mas sim, de forma bem distinta, de uma proposta de “ontoepistemologia onde “naturezas se transformam afetando corpos”. Em **Floresta tóxica: vida multiespécie e poluição na metrópole amazônica**, Guilherme Soares, por sua vez, relata suas incursões em Manaus, pelas matas do Corredor Ecológico Urbano do Mindú, a partir da imagem da “Floresta Tóxica”, do filme de animação “*Nausicaä do Vale do Vento*” (1986, de Hayao Miyazaki). O texto busca “compreender a emergência de paisagens multi-específicas nas ruínas urbanas” ao narrar uma experiência nos fluxos de um igarapé, numa cidade-metrópole amazônica, em sua relação com a ficção (animação), “procurando desvelar histórias a partir de diferentes perspectivas humanas e não-humanas: de outros animais, vegetais, fungos, assim como a partir do próprio lixo e demais elementos abióticos da paisagem”. O autor situa o texto como uma proposta inicial, um exercício que tenta “maneiras um pouco menos antropocêntricas de formular nossas ideias, levando em conta jogos de perspectiva situadas em diferentes níveis e escalas”. Por fim, a conversa intitulada **Os tempos de Fordlândia** foi montada a partir das falas de uma mesa redonda realizada em torno da expedição artística fluvial empreendida em 2018 pelo coletivo *suspended spaces* pelo Rio Tapajós até Fordlândia, a cidade “norte-americana” construída por Henry Ford na Amazônia brasileira para produção de borracha (pneus), inaugurada em 1928. O texto, inicialmente publicado no catálogo da exposição sobre Fordlândia montada pelo coletivo, gira em torno da noção do(s) tempo(s) daquela cidade, como projeto e como lugar, e é remontado como uma pequena ficção – “optamos por seguir o caminho de uma memória “rapsódica” – jogando com a não-linearidade das memórias que funcionam sempre, como os sonhos, por anacronismos e esquecimentos. A exposição resultante desta experiência da cidade norte-americana amazônica, em ruínas mas ainda hoje habitada, será remontada nos galpões de oficinas do Museu de Arte Moderna da Bahia em dezembro próximo (2022).

11

Na seção **EXPERIÊNCIAS**, composta por cinco artigos de membros do grupo de pesquisa Laboratório Urbano, os textos buscam experimentar diferentes formas de narração de experiências urbanas, a começar pelo **Breve relato pandêmico** redigido por Paola Berenstein Jacques para compor o livro-coletânea “Regards sous contrainte: carnet de terrain d’un monde pandémique” (Olhares sob constrangimento: caderno de campo de um mundo pandêmico) organizado por Alessia de Biase (2021). A organizadora pediu uma descrição etnográfica a cinquenta pesquisadores, um relato em primeira pessoa do singular, de uma de suas experiências urbanas pandêmicas. O texto, em formato de uma escrita au-

tomática misturada com imagens mnêmicas, narra uma manhã “ordinária” em Salvador, mais especificamente no campus Ondina da UFBA, durante a pandemia de Covid 19. **Ancestralização em Surubabel ou como beber um rio**, de Marcos [Gaio] Matos, narra a experiência do autor como um “hidronauta”, em expedição pelo Rio São Francisco à Nova Rodelas, “um poço sem fim de lembranças” da antiga cidade de Rodelas, que foi “afogada pelas águas do lago artificial de Itaparica e agarrada a um entorno de ilhas e territórios antes ocupados pela comunidade nativa Tuxá – também cobertos pelo lago – e que a única construção visível da cidade antiga é a caixa d’água, que parece flutuar sobre a superfície do lago como um jazigo a velar seus escombros”. O autor-hidronauta busca fazer emergir as “memórias submersas junto às ruínas de Rodelas no fundo do lago. Puro instinto, se despe e mergulha apressado naquele mar de água doce, abduzido por uma traquinagem infantil dançando inebriada pelo encantamento do encontro”. Em **A cidade, o pensamento animal e a poesia: um modo de narrar**, Cinira d’Alva relata um processo de imersão na cidade de Fortaleza durante uma residência artística (“Sala vazia”, 2019), quando “borram-se as fronteiras entre forma, conteúdo, sujeito, coisa, humano e animal”. O texto retoma o processo e os trabalhos resultantes desta residência – o conjunto de áudios, imagens, objetos e vídeos, intitulado “Concerto para múltiplas vozes: o recado de Exu”; e o vídeo-poema “Eu, um mamífero” – buscando “compreender com mais clareza como algumas práticas – que são críticas ao pensamento logocêntrico ocidental – convergem para uma mesma atitude que, em última instância, demanda a construção de uma corporeidade distinta do habitual”. Já em **Mudar de mundo**, Silvana Olivieri parte da proposta de Arturo Escobar – “Mudar de mundo e não mudar o mundo” – para “alertar da necessidade de abandono da concepção de mundo hegemônica da modernidade ocidental, sustentada pela separação entre cultura e natureza (humanidade e não-humanidade) e pelo excepcionalismo humano, pressupostos que não só não nos ajudam a lidar com a crise ecológica e climática do planeta, como estão na origem dessa crise”. A autora busca mostrar esse “mundo onde cabem muitos mundos” reivindicado pelos zapatistas, atentando para “a percepção de existir em um mundo povoado e “animado por múltiplas subjetividades, agências, inteligências, formas de vida ontologicamente heterogêneas com as quais podemos nos comunicar, nos relacionar, nos aliançar”. Percepção que se manifesta “mesmo se tratando de um ambiente urbano, em uma grande cidade”, a partir da “expertise de xamãs, feiticeiros, curadores, curandeiros, pais e mães-de-santo, que recebem mensagens de animais, plantas, pedras, das montanhas e nuvens, do vento e da trovoadas, dos espíritos, de ruídos, em suma, de tudo que vive ou se manifesta no ambiente no qual estão imersos”. Esta seção, como a anterior, também termina com um texto sobre a cidade construída pela Ford Motor Company na Amazônia, **Forlândia – ruína do futuro, cidade fantasma**, de Ana Luiza Silva Freire e Igor Gonçalves Queiroz, que buscaram, a partir da montagem de fragmentos de ima-

gens (documentos, discursos, filmes, fotografias, ilustrações), “encontrar fissuras existentes entre estas histórias que foram homogeneizadas, alinhadas a esta narrativa oficial da conquista, exploração e modernização da Amazônia brasileira, de modo a experimentar outras possibilidades de se pensar a própria escrita da história urbana”. Os autores investigam outras formas de narração da história desta cidade “norte-americana”/amazônica para fazer “emergir histórias de levantes, revoltas e insubmissões dos operários – ou mesmo da própria Amazônia selvagem – na cidade de Fordlândia, diante da imposição de um modo específico de trabalho e, sobretudo, de um modo de vida baseado em exigências morais e culturais norte-americanas. A ação da natureza (in)surge, desta forma, como protagonista em relação ao planejamento fabril e empresarial de Fordlândia.”

A seção **DEBATES** foi montada por Cecília Mello em torno de outro texto de Isabelle Stengers, complementar ao que abre esta edição: **E depois? De que nossa herança nos torna capazes?** Stengers novamente nos coloca uma pertinente e urgente questão: “do que, hoje, aquilo que nós herdamos nos torna capazes? Esta questão ganha, atualmente, uma significação totalmente nova. Seria possível dissociá-la da maneira pela qual nós enfrentamos a questão ‘e depois?’ Uma questão que desafia a imaginação, a nossa em todo caso, sobretudo nesse momento em que está sendo cada vez mais documentada de forma precisa e sombria pelos climatólogos”. Dessa vez Stengers recorre ao xamã e líder político Yanomami Davi Kopenawa que, “pertencente a um povo caracterizado pela antropologia moderna como “animista”, observa que “os brancos dormem muito, mas só sonham com si mesmos”. A autora comenta: “Parece-me que Davi Kopenawa não se engana. A moda intelectual que, hoje, nos propõe pensar o desastre que nós deixaremos como herança para nossas crianças através do tema do Antropoceno é testemunha disso. Antropos, o Homem, teria hoje conquistado o estatuto de força geológica.” Em **Herdar e diferir**, Cecília Mello parte do texto de Stengers e de sua questão principal – “De que nossa herança nos torna capazes?” – para, por sua vez, questionar: “o que seria possível dizer-fazer diante de uma catástrofe que não é uma previsão para 2050, mas um fato da atualidade para muitos(as)?” O texto que inicialmente se intitulava “Considerações sobre um grito” se apresenta como “um ensaio sobre os modos possíveis de se habitar a universidade pública e produzir conhecimento nos dias de hoje” e busca tratar “dos efeitos da perturbadora convergência entre dois gritos: o de Indianare Siqueira em 2017 e o grito de Virginia Woolf no ensaio ‘Três Guinéus’, publicado quase oitenta anos antes (1938)”, para, então, “prolongar esse grito, essa objeção, essa posição que é desconcertante para quem é cria e herdeira dessa universidade. Ela nos obriga a parar para pensar e a inventar modos de herdar que não sejam replicar; que possam ser também diferir”. O último texto da seção, **Da interculturalidade à intercorporalidade (ou como aprendermos a lidar com a predação do Matinguari e do Lobo-Aristote para podermos**

“**sonhar outros sonhos**”), de Celia Collet, também parte do texto de Stengers que abre esta seção Debates, buscando responder à questão colocada pela filósofa belga: “E depois? De que nossa herança nos torna capazes?”. Para tal, a autora propõe uma escuta atenta dos “indígenas (através da antropologia) sobre as questões da corporalidade, predação, captura, relação com o Estado, cultura e multinaturalismo, para que, ao fazer isso, possamos entrar em contato com o que ‘somos capazes. E assim podermos, através da composição de novos vínculos, reativar potências há muito tempo subjugadas pelo modelo moderno e capitalista de pensamento e relacionalidade”.

Dois textos encerram esta edição, na seção **RESENHA. Metamorfoses em nós**, de Marcos Vinícius Bohmer Britto e Rafael Luis Simões Souza e Silva, é a resenha do livro *Metamorfoses*, de Emanuele Coccia, publicado no Brasil pela editora Dantes, em 2020, proposta pelos autores como uma “metamorfose do próprio livro, que digerimos e encarnamos no nosso pensamento”. Uma outra forma textual surge da “remontagem das palavras do próprio Coccia em forma de poemas”, atuando como “imagens-pensamento”, para “iniciar e ao mesmo tempo sintetizar as ideias que o autor projeta em cada capítulo”. Em **Mil Nomes de Gaia**, Fabiana Dultra Britto faz a resenha de *Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra: volume 1*, livro organizado por Déborah Danowski, Eduardo Viveiros de Castro e Rafael Saldanha, estréia da editora Machado, reunindo as comunicações apresentadas no Colóquio Internacional homônimo, ocorrido na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, em 2014. O texto é uma descrição crítica dos catorze artigos e duas entrevistas que compõem o livro, proposto com vistas a “aumentar a sensibilidade da Academia e da intelectualidade em geral para a urgência, gravidade e significação histórica” da crise ambiental planetária, possibilitando compreender “que se trata de um complexo engendrado pelo desequilíbrio da dinâmica relacional estabelecida entre os seres, matérias, energias e os processos componentes da Terra”, cujo controle “depende do reconhecimento do coprotagonismo de todos os agentes e suas respectivas responsabilidades”.

Esperamos assim, com este conjunto de provocações, proposições e composições articuladas neste número 16 da **REDOBRA**, ter ampliado as múltiplas possibilidades de respostas complexas e, ao mesmo tempo, sensíveis, à questão crítica exposta por Isabelle Stengers: Reinventar a cidade?

Boa leitura!

Paola Berenstein Jacques, Silvana Olivieri e Thiago Mota Cardoso

